

Luta para defender e consolidar o comércio

Arquivo Público

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Foi paixão à primeira vista, quando, da plataforma superior da Rodoviária do Plano Piloto, o baiano Ney Carneiro se deparou com a visão grandiosa do imenso horizonte que se estendia diante de seus olhos. Encantado com a amplitude da Esplanada e toda aquela paisagem, afirmou resolutamente: “É aqui que eu quero ficar”. Seus amigos já diziam, “a cidade é uma beleza, não tem semáforos, nem contramão”.

A visita do então proprietário da agência de viagens Real Aerovias, de Ilhéus, um ano antes da inauguração da nova capital, serviu para confirmar a idéia que tinha de Brasília. Decidido, voltou para a Bahia, vendeu a agência e se mudou definitivamente para o Planalto.

Ex-gerente de aeroportos, Ney Carneiro, nos fins da década de 40, cruzava o céu do país de Norte a Sul, “nas asas da Panair”, glamourosa companhia aérea da qual era funcionário. A profissão o obrigou a permanecer durante um bom tempo nas cidades do Rio de Janeiro, Uruguaiana, São Paulo e em Goiânia. Em uma de suas viagens, chegou a acompanhar a comitiva de senadores e deputados que se reuniram para acertar os detalhes da mudança da capital. Mal sabia Ney que Brasília estaria em seu destino.

Em julho de 60, deixou Ilhéus com a mulher Amélia Valquíria e o filho Marco Antônio para “embarcar numa aventura”. Acabava

de “vender dez anos de estabilidade” em grandes empresas — a Panair e a Aerovias do Brasil —, onde alcançou grandes méritos, para viver em uma cidade que ainda estava sobre os andaimes, mas que para ele já tinha lá os seus encantos e peculiaridades, como descreve em seus versos. (em destaque)

Personalidade

Alegre, extrovertido e de boa fluência, assim é o candango Ney Carneiro, que aprendeu com a própria vida o verdadeiro significado da palavra pioneiro como sendo todo aquele que “teve a co-

ragem de deixar a terra onde nasceu para embarcar numa aventura”, explica o desbravador.

E coragem e disposição para recomeçar são características deste avô que, aos 84 anos, pai de quatro filhos, conta sem nenhum arrependimento e com muito orgulho quando comprou a sua Opel, uma perua alemã, para transportar passageiros na capital.

Como a cidade não tinha transporte suficiente, decidiu ir a Santos comprar uma espaçosa perua, que utilizou no transporte de passageiros de Taguatinga ao Núcleo Bandeirante. “Um dia, chegando em casa, havia uma

correspondência me intimando a comparecer ao órgão de trânsito do Núcleo Bandeirante”, recorda. Sem saber do que se tratava, foi até lá e ficou aliviado quando viu a figura do amigo de Ilhéus, Geraldo Silva, então diretor do Departamento de Trânsito, que desconsiderou a carta, rasgou-a e jogou-a no lixo, por consideração ao amigo.

Mas a alegria do empreendedor durou pouco. O motorista da Van, ao buscar a namorada que estava no Plano, bateu com o veículo nas proximidades do aeroporto. Era o fim de uma aventura e o início de outra grande empreitada.



NEY, EM SUA POSSE
COMO PRESIDENTE
DO SINDICATO DO
COMÉRCIO
VAREJISTA DE
BRÁSILIA

PIONEIROS

Dono de uma agência de viagens em Ilhéus, Ney Carneiro começou a vida na capital fazendo transporte coletivo, para só então encontrar sua verdadeira vocação, o comércio

COM A AJUDA DA FAMÍLIA, NEY, ATÉ HOJE, COMANDA A LOJA NA 107 SUL

Comércio na 107 Sul

Sem sorte no transporte de passageiros, o hoje cidadão honorário de Brasília decidiu mudar de ramo. Encontrou no comércio de meias e roupas íntimas a sua grande oportunidade, após a abertura do bar Oásis, na 107 Sul. Vizinho a uma loja de roupas, a Femina Modas, "freqüentada pelas damas da sociedade brasiliense", a empreitada não deu certo.

Como a loja ficava ao lado do bar, uma das freguesas que passava em frente ao Oásis sugeriu que Ney abrisse uma loja de roupas íntimas. Foi quando ele arrendou o bar e montou a Casa das Meias, que funcionava no térreo e no andar de cima, do antigo salão de beleza Gardênia. "Abri o negócio de meias a pedido das freguesas", lembra o comerciante que chegou a atender Rosane Collor e várias outras primeiras-damas, "só não sei se a D. Ruth Cardoso comprava aqui". Suas meias faziam sucesso em todas as rodas elegantes da cidade.

Da 107 Sul, onde até hoje passa a maior parte de seu tempo zelando pelo bom atendimento dos clientes, ele guarda belas recordações. A visita da Rainha Elizabeth, da Inglaterra à Escola Parque, em 1968, está gravada na memória do conselheiro da Academia de Letras de Brasília. Ney ficou comovido com a beleza e a pele rosada da rainha que passava pelas imediações de seu estabelecimento.

De sua loja, o atual diretor-superintendente da Federação do Comércio do Distrito Federal também teve o privilégio de acompanhar a primeira edição da Festa dos Estados. O evento acontecia atrás da Loja das Meias, de onde podia observar com atenção os



“

**BRASÍLIA É A ANTEVISÃO DE UM SANTO
QUE O PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHKE CONCRETIZOU.
A CIDADE É UM ENCANTO, UMA PRIMAVERA EM FLOR.
O SEU TRAÇADO É DE UMA CRUZ
QUE SALVA, QUE ORIENTA E QUE CONDUZ.
É TAMBÉM A CAPITAL DE TODOS OS BRASILEIROS,
ORGULHO DOS BRAVOS PIONEIROS**”

”

trajes dos participantes. Lembra divertido que "Ary Cunha usava um chapéu de couro" característico do Nordeste brasileiro. "Alguns também usavam bombachas e umas botas compridas", recorda.

O sucesso no ramo comercial fez de Ney Carneiro tesoureiro e posteriormente presidente da en-

tidade que ele próprio ajudou a fundar — o Sindicato do Comércio Varejista de Brasília. Na instituição, ele atuou durante vários anos em favor do entendimento entre patrões e empregados.

Como presidente do sindicato, sempre lutou pela consolidação do varejo na nova capital e pela intensificação do comércio

entre Brasil e Estados Unidos, por meio da fixação da ponte aérea Brasília-Miami-Brasília. Sua idéia era promover uma aproximação comercial e cultural entre Brasília e aquele país. Idéia que levaria o empresário de Miami a investir no turismo brasileiro e que ele chegou a apresentar durante um Congresso nos EUA, em 1987.

Ney, que recebeu o título de comerciante do ano de 1992, também atuou como juiz classista do Tribunal Regional do Trabalho, como conselheiro do Sesc, do INSS e participou ativamente das Diretas Já. Quando o assunto era trazer melhorias para a capital, lá estava ele redigindo telegramas e cartas para os chefes de Estado. "Naquela época os contatos eram feitos diretamente", diz, referindo-se ao documento que elaborou e entregou a Tancredo Neves, "pedindo coisas para Brasília, que acabava de sair de um longo processo democrático".

Raio X

Nome: Ney Carneiro
Idade: 84 anos
Origem: Barreiras, Bahia
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Comerciante e juiz classista
Mulher: Amélia Valquíria de Almeida Carneiro
Filhos: Marco Antônio, Ney, Maria de Fátima e Cristiano de Almeida
Netos: Ana Clara, Júlia, Matheus e Maria Amélia